



AS DIFICULDADES DOS CORPOS NEGROS: DO NASCER AO RENASCER

Giovanna Moraes Soares¹

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca observar a vivência dos alunos negros na faculdade de pedagogia e observar principalmente as atividades das alunas negras na universidade, ainda busca observar as atividades de racismo. O documento visa ser qualitativo e em primeira pessoa, buscando trazer a experiência como fonte principal de coletas de dados.

A autora de referência mais usada foi "Bell Hooks", com seus livros "Ensinando a Transgredir" e "E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e o feminismo", para a formação de respostas. O tema foi escolhido no intuito de propor novas soluções para os casos de sexismo e racismo na vida das estudantes, que dialoga com a minha experiência de vida e traz ainda mais a presença destas alunas na universidade.

O artigo está dividido em seções começando pela introdução, seguindo com os resultados/e discussões e a conclusão, as seções pretendem trazer a experiência das entrevistadas e observar como as relações delas funcionam, inclusive na faculdade, visa reparar em seu autoconhecimento a sensação de pertencimento e de acolhimento e suas principais sensações junto aos casos que elas enfrentam em suas vidas. Em minha pesquisa, pude perceber que as mulheres negras são a maioria que compõem o corpo discente da faculdade de educação, resolvi então percebê-las para a escrita deste documento. Em campo, pesquisei sobre as vivências dessas mulheres e me encontrei em quase todas,

¹ Estudante de pedagogia, na Faculdade de Educação, pela Universidade Federal de Goiás, participante do grupo ativista da ONG de Mulheres Negras Feministas Malunga. Este artigo é financiado pela bolsa PIBIC (IC). Professora orientadora: Dra. Maria Izabel Machado. E-mail: giovannamoraes@discente.ufg.br



buscando então encontrar relatos parecidos para conclusão do meu estudo. Todos os nomes citados são fictícios.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

O artigo gira em torno de uma observação de como é o primeiro contato dos corpos negros, principalmente dos corpos negros femininos com a faculdade de educação na UFG, busca analisar como as meninas são recebidas e como as atividades da heteroidentificação são de alguma forma prejudiciais e de outra forma componente usado para a o reconhecimento delas enquanto pessoas negras. Em minha experiência, ao me descobrir como uma mulher negra, acompanhada do alívio de pertencimento, ainda ocorre a dúvida em relação ao meu tom de pele e aos meus traços, dúvidas estas proporcionadas pelos ambientes externos que me fazem pensar como as influências externas enfatizam o sofrimento interno.

Ao observar minhas entrevistadas percebi que todas elas já sofreram outros tipos de discriminação além do racismo, sendo algumas dessas: pelo fato de ser mulher, e sobre ser uma mulher negra retinta ou mais clara. O racismo vem com a mesma intencionalidade, às vezes um pouco mais velado, mas sempre com a intenção de desumanizar as pessoas de cor independente do pigmento.

Pude perceber que seria então necessário olhar o passado destas estudantes e ver o tipo de carga que elas carregam, e como o racismo interfere em suas vidas e suas percepções. A faculdade para muitas foi um esclarecedor, ainda que de forma dolorida sobre os lugares em que elas estão enquanto futuras professoras negras. A luta antissexista e antirracista, citada por hooks em e "E eu, não sou uma mulher? Mulheres negras e o feminismo", me dá resultados que antes de sofrerem racismo, minhas entrevistadas sofreram violência por ser mulher, Elza quando entrevistada e perguntada o que é ser uma mulher preta para ela, ela responde:



“Caraca, que pergunta interessante (Risadas). Eu acredito que é ser mulher duas vezes[...] É ser questionada duas vezes, ser humilhada duas vezes, preconceito em cima de você duas vezes, mas, ao mesmo tempo é ser forte duas vezes, ter duas vezes mais experiências do que uma mulher branca. É isso. (Elza, 22 anos, preta, entrevista concedida em abril de 2022).

Importante relatar que uma luta não anula a outra, o sexismo deve ser combatido assim como o racismo, por todos presentes na faculdade, ainda mais quando falamos de um curso onde 80% do mesmo é composto por mulheres, tanto alunas quanto professoras.

A busca pela identificação da mulher negra começa quando antes de ser negra ela é mulher, rodeada de pessoas brancas e lutando por encaixes que a sociedade branca não quer. Então pensar em um feminismo negro não é pensar em uma segregação, e sim em uma construção social sólida que nos faz perceber que as lutas não são separadas, Hooks cita: “Apesar de o foco ser a mulher negra, nossa luta pela libertação somente tem significado se acontecer dentro de um movimento feminista que tenha por objetivo fundamental a libertação de todas as pessoas” (Hooks, 2021, p.36).

Com os relatos avaliados, pude perceber que as alunas questionam o sistema de cotas e reparam haver casos de racismo nos espaços da faculdade de educação, mas não relatam acontecimento com elas no mesmo ambiente. Pensando então que, a faculdade de educação tem se responsabilizado, junto a toda comunidade, pois quando perguntados sobre o acolhimento dentro da faculdade de educação vindo da mesma, as entrevistas constatam que sabem que existe, mesmo não chegando até elas. As queixas citadas pelas alunas, é pela falta de acolhimento vindo da faculdade de educação quando se trata dos casos de racismo, neste em específico, fica claro que a indignação das entrevistadas é do apoio que o corpo docente da faculdade (em sua maioria) e de outras faculdades, ao agressor, deixando a vítima para receber o debate da violência que ela havia sofrido depois de tudo. O relato de uma delas que já está a mais tempo diz:

Eu presenciei, mas eu não presenciei o momento, mas presenciei toda



revolta, toda nossa colocação no momento, é... Uma estudante sofreu racismo pela professora e o posicionamento da faculdade não foi uma das melhores e aí eu participei de todo levantamento, pra que isso fosse debatido, vindo a público e punido, por que racismo é crime, mas infelizmente por ser uma professora, é... Eu fiz até um texto na época por ela ter um grau de pertencimento e poder nada aconteceu. Foi engraçado pois foi a primeira vez que eu parei de pensar na UFG como um lar, deixei de pensar que ela é minha casa, a sensação de lar como eu tinha, foi abalada. (Elza, 22 anos, preta, entrevista concedida em abril de 2022).

CONSIDERAÇÕES

Ao analisar os fatos deste artigo, consigo concluir que a faculdade de educação tende a acolher seus alunos, pois todos relataram que, conseguem ver acolhimento vindo da universidade perante os casos apresentados. Mas ainda nos cabe pensar, por qual motivo o tema racismo não é tão trabalhado nas escolas e no ensino médio, e na faculdade de educação, porque a matéria oferecida para tratar os assuntos étnicos raciais são optativas? Sinto que faltou em minha busca em campo a pergunta "quando você sabe que o que você sofre é racismo?" Para complementar o olhar do racismo vindo das participantes.

Esse artigo me fez refletir sobre meu próprio ser e o que estou em busca de alcançar, os resultados obtidos em campo são que as dificuldades dos alunos negros na faculdade de educação, começam desde pequenos, mas que em análise observo, os alunos buscam observar o apoio que a faculdade oferece as vítimas destas situações, é visível que a maior revolta dos alunos se trata de, quando a Universidade demonstra apoio ao agressor e não a vítima.

Na faculdade de educação eles já presenciaram casos de racismo, mas nunca aconteceu com eles, o que me fez refletir que a instituição está tentando ao máximo melhorar-se em âmbitos integrais de comportamentos. Mas é inegável que em todos os ambientes existem pessoas racistas e situações racistas e como pesquisado, vejo que os alunos em suas posições de movimentos sociais organizados, devem lutar contra essas atrocidades e violências que acontecem na instituição, seja ela qual for.

Pude concluir que as mulheres negras sofrem todas as violências de forma enfatizada em todas as épocas de suas vidas, justamente por conta desta



pirâmide construída pela sociedade patriarcal que busca uma igualdade para anular as experiências dos corpos negros, ao invés de buscar equidade e oportunidades.

Creio que uma das políticas a serem integradas é a obrigatoriedade da matéria de relações étnicos raciais, que todos os meus entrevistados citaram ser importante para a informação e formação deles, e o aparecimento de novas matérias dispostas a trabalharem o tema o acréscimo de autores de cor para as disciplinas e discussões e a demonstração de acolhimento vindo de toda a Universidade, a aproximação da relação aluno e universidade, para que haja ação vindo de ambos os lados. Nesse ano de 2022 a UFG criou o SIN (Secretaria de Inclusão), que acolhe as denúncias, os pretos quilombolas, os surdos, os indígenas, etc, para somar com as políticas de combate contra a violência na faculdade, mas que claro, precisa de uma ampliação para que todos tenham ciência de seus direitos e deveres na universidade.

Bell Hooks, foi minha maior referência para a construção desse documento, e ela cita: "A Academia não é um paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado" (Hooks, 2013, p. 273). O nosso processo com estudantes negras que se dispõe a enfrentar o determinismo da sociedade racista e sexista, segregadora e violenta, e resolve fazer uma faculdade em sua maior excelência, é dolorido e desafiador, mas acredito que libertador em seus melhores momentos.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *Outsider Within* a significação sociológica do pensamento negro. **Revista Sociedade e Estado**, 2016.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF, 2013.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres Negras e Feminismo**. Rio de Janeiro, Rosas dos tempos, 2021.



JESUS, Rodrigo Ednilson. **Quem quer (pode) ser negro no Brasil?**. São Paulo: Autêntica, 2021

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Vozes, 2016.